Tempo de re-colhimento – es-colher as lutas e re-colher a esperança

*Débora B. Agra Junker**

Resumo

Este artigo tem como objetivo ressaltar a relevância do pensamento de Freire como teoria educacional e práxis pedagógica que recupera a utopia para um mundo que enfrenta profunda crise sócio-geopolítica-econômica e incertezas diante de uma pandemia que afeta especialmente pessoas mais vulnerabilizadas de nossa sociedade. Argumenta que o espaço intermediário, zona limítrofe, entre o mundo pré-pandemia e pós-pandemia pode ser espaço criativo para refundar nossas epistemologias, cultivar nossa resiliência e despertar nossa sensibilidade para tecermos coletivamente uma nova forma de convivência.

Palavras-chave: práxis libertadora, utopia, resistência, pandemia.

Re-gathering time: choosing the battles and harvesting hope

Abstract

This article aims to highlight the relevance of Freire's thought as an educational theory and pedagogical praxis that recovers utopia for a world that faces a deep socio-geopolitical-economic crisis and uncertainties in the face of a pandemic that affects the most vulnerabilized people. It argues that the intermediate space, borderline zone, between the pre-pandemic and post-pandemic world can be a creative space to re-root our epistemologies, cultivate our resilience and awaken our sensitivity to collectively weave a new form of coexistence.

Keywords: liberating praxis, utopia, resistance, pandemic.

* Débora B. Agra Junker. Professora Associada de Pedagogias Críticas. Fundadora e Diretora da Cátedra Paulo Freire. Garrett-Evangelical Theological Seminary-Evanston-IL
ORCID: 0000-0003-3189-8100. E-mail: debora.junker@garrett.edu

Tiempo de recogida – elegir las peleas y cosechar la esperanza

Resumen

Este artículo tiene como objetivo resaltar la relevancia del pensamiento de Freire como teoría educativa y praxis pedagógica que recupera la utopía para un mundo que enfrenta profunda crisis socio-geopolítica-económica e incertidumbres frente a una pandemia que afecta las personas más vulnerabilizadas. Sostiene que el espacio intermedio, la zona limítrofe, entre el mundo pre-pandémico y post-pandémico puede ser un espacio creativo para refundar nuestras epistemologías, cultivar nuestra capacidad de recuperación y despertar nuestra sensibilidad al sufrimiento de las personas, y, por lo tanto, colectivamente, tejer una nueva forma de convivencia.

Palabras clave: praxis liberadora, utopía, resistencia, pandemia.

Nas sociedades contemporâneas os espaços sociais – como espaço de existência coletiva – têm sido inviabilizados pelo aumento da violência urbana, do racismo contra os corpos negros, do tráfico humano, do fundamentalismo religioso, da homofobia e xenofobia, de novas formas de colonialismo, dos efeitos do capitalismo e da corrupção em todas as esferas da sociedade, entre tantos outros aspectos. Neste contexto de tantas inversões e perversões, enfatiza-se a acumulação de riqueza material como fator decisivo para a felicidade das pessoas. O consumismo se apresenta como mecanismo de cura para a insatisfação e frustrações humanas. Tais circunstâncias têm colocado em risco a vida das pessoas e seus relacionamentos produzindo grande desigualdade econômica, gerando sofrimento e desesperança, e acima de tudo, enfraquecendo o compromisso ético e solidário entre seres humanos. Ao enfrentar essas circunstâncias, podemos sentir nossa força desaparecendo e nosso corpo se exaurindo enquanto esperamos desesperançados que mudanças aconteçam. Enfrentar essas questões através de abordagens educativas que resistam a (i)lógica do materialismo e individualismo é sem dúvida tarefa que cabe a nós educadores e educadoras.

Muitas são as rupturas históricas que marcaram os processos civilizatórios humanos. Elas podem ser caracterizadas por inter-

rupções, rachaduras, suspensões, descontinuações ou rompimento simbólicos e materiais em nossa maneira de nos organizarmos enquanto sociedade, bem como nas maneiras de sermos e nos tornarmos humanos. Quando esses rompimentos ocorrem, novos debates, novas perspectivas e oportunidades surgem permitindo um redirecionamento do nosso pensar e agir no mundo. Mudanças paradigmáticas são resultados de profundas rupturas e dentre muitas características que marcam essa passagem, podemos nomear pelo menos duas delas: uma **profunda dor** pela ‘morte’ do conhecido, do familiar, daquilo que amávamos, valorizávamos e conhecíamos; e uma **momentânea paralisação** evidenciada por uma sensação desconcertante que o desconhecido provoca. Durante estes tempos de expectativa, incertezas e das dores da ruptura do sonho, habitamos um espaço limiar, transitório, que ao mesmo tempo é caótico e potencialmente criativo.

A realidade da pandemia é o reflexo no espelho da falácia do neoliberalismo em sua versão mais ofensiva e desumana. Neste teatro da crueldade prolifera o descaso por parte de dirigentes, a negligência, a desinformação e a omissão que provoca um verdadeiro genocídio contra populações indígenas, negras e habitantes de regiões mais pobres do globo. As atividades que animam o espetáculo no mundo globalizado, a ostentação do ter em lugar de ser, o consumismo desenfreado, de repente passam a não ter importância exigindo de nós uma reavaliação de nossos valores. Portanto, quando as luzes do palco da “vida líquida” (Zygmunt Bauman) se apagam nos impondo distanciamento físico,¹ somos obrigadas a voltar nossa atenção para nosso mundo interior. Temos que olhar para nós mesmas na tentativa de descobrir o que ainda resta de nossa humanidade. Temos que nos *re-colher* dentro de nossos pensamentos, sensibilidades e identidades; *re-colher* nossos sentimentos; *re-colher* nossos corpos, sensações e afetos; *re-colher* nossos ritmos, apegos e frustrações; *re-colher* nossos projetos; *re-colher* até mesmo o que é prioridade dian-

¹ A preferência do uso “distanciamento físico” em lugar de distanciamento social é opção da autora para evitar conotações segregacionistas de raça e etnia.

te das urgências da produtividade impostas por forças neoliberais. Nesse exercício introspectivo de viagem ao centro de nós mesmas, assim como exercício retrospectivo de revisitação do nosso passado, buscamos encontrar os elementos que possam alimentar, sustentar e consolar a todos nós durante este tempo de *re-colhimento*.

Embora pareça estranho, alguns de nós encontram conforto em saber que, mesmo à distância, embarcamos numa travessia coletiva com milhares de pessoas de todos os cantos da terra. Alguns de nós, no entanto, estão descobrindo o quão difícil pode ser a convivência com o que e quem nos tornamos nesse momento de reclusão planetária e passamos a descobrir o quão distantes estamos de quem realmente somos. Nesse *tempo-de-suspensão* tivemos que criar rotinas, inventar novas formas de convívio com as outras pessoas e conosco mesmos. Tivemos que improvisar novos rituais de lamento, de luto e de meditação-contemplação. Lentamente fomos percebendo que uma nova espiritualidade seria necessária para sobrevivermos estes tempos de pandemia. Constatamos que para muitos a pandemia sequestrou privilégios, o conforto e liberdade de ir e vir, que para as populações detentoras de privilégios são considerados direitos garantidos e inalienáveis. Um olhar mais atento revela que as populações empobrecidas, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, negras e imigrantes, já vivem outras pandemias em seu cotidiano – a pandemia da fome, do racismo, da violência, da exclusão, da morte em massa – imperceptíveis aos olhos de muitos. Essas populações vulnerabilizadas não apenas são as mais afetadas pela pandemia, mas são também aquelas que revelam – desocultam – o lado mais perverso do sistema socioeconômico/geopolítico vigente e sua face cruel e injusta diante desta calamidade planetária.

Reconhecemos que vivemos momentos difíceis e complexos como consequência da COVID-19. Neste tempo de liminaridade, para usar um termo adotado pelo antropólogo cultural Victor Turner (TURNER, 1969), fomos separados do curso habitual de nossas rotinas e dos grupos sociais aos quais pertencemos e com os quais interagimos. Passamos a viver uma experiência à margem

da estrutura social e dos referenciais que nos identificam e pelos quais conduzimos nossas vidas.² Ainda não chegamos na terceira fase chamada de re-agregação e convívio comunitário identificado por Turner. (TURNER, 1974, p.117). Estamos, todavia, na zona limítrofe, no interstício entre o mundo pré-pandemia e pós-pandemia. Não sabemos ao certo o que virá depois da pandemia, mas sabemos que é preciso pensar este tempo fronteiro, liminar, como tempo de gestação do novo através do qual podemos recuperar o que resta da nossa humanidade sufocada; imaginá-lo como tempo para cultivar nossa resistência, aguçar nossa habilidade de discernir a realidade; despertar nossa sensibilidade diante do sofrimento de todes; e assim tecermos coletivamente uma nova forma de convivência baseada na mutualidade, reciprocidade e no afeto.

Para Turner, o conceito de liminaridade constitui um período de transição, um ‘processo, um ‘devir’. Trata-se de uma ‘transformação’ na qual cultura, indivíduo e realidade são confrontados, examinados e praticados através de rituais. Segundo ele, liminaridade é o tempo-espaco “intermediário” no qual os valores culturais são incorporados e novas situações podem ser vivenciadas paradoxalmente. Em liminaridade é possível experimentar condições altamente criativas, ambíguas, marginais, transgressivas e transformadoras. Turner acredita que a liminaridade tem o potencial de transformar ou subverter estruturas sociais dominantes oferecendo paradigmas alternativos de como a sociedade poderia ser concebida por meio de dramas sociais (1974, p.117-120).

² Turner produziu um impacto significativo no campo da antropologia com seu pensamento inovador sobre as práticas rituais. Em seu livro, *O Processo Ritual: Estruturas e Anti-Estruturas*, ele descreve sua pesquisa sobre os rituais ampliando a estrutura tríplice de ritos de passagem de Arnold van Gennep, com foco no conceito de liminaridade. A partir do conceito de ritos de passagem de van Gennep, ele demonstrou como em todos os rituais bem estruturados (construídos) há três fases distintas: separação, liminaridade e re-agregação. Argumenta que geralmente durante a fase limiar, que ele chamou de “in-between” ou “betwixt” (passagem ou transição), uma pessoa não está aqui, nem lá. Contudo, neste estado de liminaridade, as pessoas são capazes de experimentar a si mesmas e sua realidade a partir de um novo ponto de vista.

Pensar o contexto de pandemia a partir da liminaridade significa *a*-colher este momento repleto de desorientações e de potencialidades. Significa admitir que o atual caos pode ser frutífero na medida em que novas ideias e formas de convivência podem emergir. Neste espaço fronteiriço, mesmo que incapazes de atenuar as dores, angústias e ansiedades que brotam de nossos corações e transpiram por nossos poros, sentimos o pulsar da vida que mesmo tímido percorre nossas artérias e circula nossos corpos como uma força invisível – germe (vírus) da resiliência e da transformação – animando-nos a não desistirmos da vida. Enquanto a realidade da COVID-19 – e das vítimas que tem produzido – continua diante de nossos olhos perplexos e de nossos corpos atemorizados, é preciso pensar na educabilidade deste momento e resgatar o papel fundamental da educação. É preciso descobrir a pedagogia da liminaridade (JUNKER, 2003) para que possamos *es-colher* novos referenciais que possam responder aos atuais desafios e nos guiar em caminhos ecologicamente e humanamente defensáveis. Como sugere Ailton Krenak, “vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p. 22). Krenak não está comprometido com a eliminação da queda e, sim, com a fabricação de paraquedas coloridos. Nesse sentido, o lugar que Krenak pensa, não é apenas um lugar de suspensão e transição, como propõe Turner. Para Krenak, há que se ir além: inventar maneiras de resistir, de co-criar futuros possíveis, divertidos e desejáveis, horizontes mais expansivos, liberdades tangíveis, que possuem o constante compromisso de quando sentirmos “que o céu está ficando muito baixo,” juntaremos forças para “empurrá-lo e respirar”, adiando um pouco mais o fim do mundo (KRENAK, 2019, p. 20).

Diante de um contexto de distopia ao qual temos sido submetidos, seria um equívoco irreparável refletir sobre educação sem considerar a influência do educador e patrono da educação brasileira, Paulo Freire. Como um dos intelectuais mais notáveis do sécu-

lo XX – que ultrapassou fronteiras geográficas e linguísticas – ele continua inspirando educadores e educadoras ao redor do mundo com sua visão sobre a educação como um ato de amor e coragem. Suas ideias continuam relevantes nos contextos de crise de valores e da permanente guerra contra inimigos visíveis e invisíveis. Como declara Giroux, a pedagogia crítica de Freire,

fornece uma maneira de pensar além da aparente naturalidade ou inevitabilidade do estado atual das coisas, desafiando suposições validadas pelo “senso comum,” superando os limites imediatos das experiências, entrando em diálogo com a história e imaginando um futuro que não simplesmente reproduz o presente (GIROUX, 2015, p.119).

Como pensador de reconhecida projeção internacional, Freire continua exercendo considerável influência no cenário de um mundo globalizado no qual as forças orientadas pela lógica do mercado neoliberal conspiram para silenciar pessoas – inclusive professores e professoras – e dismantelar organizações sociais com o objetivo de promover a cultura do medo e do individualismo. Testemunhamos quase todos os dias o desencadeamento da violência racial e étnica em níveis sem precedentes, como crianças imigrantes separadas de familiares, refugiados que procuram asilo sendo negados, e o recente caso repudiável de George Floyd capturado pelas câmeras de celulares e causando repulsa internacional e protestos ao redor do mundo. Esses crimes contra a vida são capazes de lançar até os mais corajosos entre nós ao desencantamento com a vida e com as instituições cívicas. Muitos, debilitados por tantos problemas, cedem à indiferença e ao comodismo. Por isso, Freire – em sua incansável luta por um mundo mais justo, mais ético e mais bonito – continua relevante para enfrentar a cultura de terror instaurada nessas estruturas perniciosas de poder. Em tempos marcados pelo descontentamento, pelo desconhecido e pela imprevisibilidade precisamos olhar – mais do que nunca – para nosso contexto usando as lentes possíveis da esperança; uma esperança entendida como forma de resistência e sem qualquer conotação escapista ou ilusó-

ria. Esperança que não é passiva ou estática, mas movimento dinâmico que não permite que as coisas permaneçam ‘do jeito como as coisas estão’.

Segundo o pensamento freireano,³ a esperança constitui um eixo importante para orientar e sustentar a renovação da tarefa educacional e o papel que as comunidades precisam assumir para enfrentar a conjuntura mundial em mutação. Em *Pedagogia da Indignação*, Freire afirma,

A matriz da esperança é a mesma da educabilidade do ser humano: o inacabamento do seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. (. . .) nunca, talvez, tenhamos tido mais necessidade de sublinhar, na prática educativa, o sentido da esperança do que hoje (FREIRE, 2000, p.114).

Entendendo a esperança como um elemento vital em nossa existência individual e social, Freire nos aconselha a não permitir que a desesperança e o desespero nos conquistem, porque estas são a consequência e a causa da inação ou do imobilismo. Nesse momento de profunda desorientação e incertezas materializadas nas situações de injustiça e desamparo no cenário socio-político-econômico, agravado pelo colapso do sistema de saúde causado pela incapacidade de liderança dos atuais governos do Brasil e EUA, por exemplo, precisamos resgatar a relevância da perspectiva freireana como uma abordagem que recupera a utopia necessária para construir um mundo com justiça onde cabem muitos mundos.

A obra de Freire está atravessada pela esperança, ética, respeito, amorosidade às pessoas e pelo seu compromisso permanente para com os oprimidos. Em seu revolucionário e mundialmente reconhecido livro, *Pedagogia do Oprimido*, já nas primeiras páginas, Freire afirma seu compromisso pois declara que sua obra se dirige “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”

³ Opção pessoal da autora por “freireana” em lugar de “freiriana”.

(FREIRE, 1982, p. 12). Esta responsabilidade com os “condenados da terra,” os negados de seu lugar no cosmo, e seu repúdio aos preconceitos e atos sinistros praticados contra qualquer ser humano, sempre mereceram destaques em seus livros e seus encontros com povos de todos os cantos do mundo. Contudo, sua pedagogia humanizadora revela não apenas sua apreciação pela vida pautada pela ética, a estética, e o amor “capaz de criar uma sociedade em que seja possível amar e ser amado” (FREIRE, 2014, p. 236), mas também a indignação, legítima raiva, diante das manipulações que geram injustiças e causam o sofrimento de milhares de pessoas. Como lembra Nita Freire, “Não podemos esquecer que Paulo sempre dizia que as verdadeiras ações éticas e genuinamente humanas nascem de dois sentimentos contraditórios e só deles: do amor e da raiva” (FREIRE, 2000, p.13).

Um exemplo de seu compromisso e indignação, entre tantos outros, refere-se ao caso de Galdino Jesus dos Santos, homem indígena do povo pataxó que foi assassinado por jovens de Brasília em 1997 numa perversa amalgama de diversão e crueldade. Frente a tamanha brutalidade e hediondez, Freire declarou: “não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando [e matando] gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 67). No contexto atual poderíamos dizer que há muitos brincando e matando gente quando milhares de pessoas são vítimas de um extermínio insidioso, morrendo sem atendimento e sem direito aos cuidados mais básicos. A indignação, na perspectiva freireana, é a recusa fundada na fúria transformada em luta ético-política que faz parte da dinâmica entre a denúncia e anúncio. Ele não apenas se solidariza com as vítimas das mais diversas violências, mas critica e se posiciona contra as estruturas e forças que geram a os múltiplos genocídios e suas vítimas, criando assim uma linguagem de possibilidade e uma visão profética. Freire define este pensamento afirmando:

O pensamento profético, que é também utópico, implica a *denúncia* de

como estamos vivendo e o *anúncio* de como poderíamos viver. (...) Rein-sisto em não ser possível *anúncio* sem *denúncia* e ambos sem o ensaio de uma certa posição em face do que está ou vem sendo o ser humano. (...) Implicando a análise crítica do presente e denunciando as transgressões aos valores humanos, o discurso profético anuncia o que poderá vir. Tanto o que poderá vir se retificações forem feitas nas políticas que foram denunciadas quanto o que pode ocorrer se, pelo contrário, tais políticas se mantiverem. (FREIRE, 2000, p.119).

Na travessia entre denúncia e anúncio os caminhos para mudar as situações-limites vão construindo-se e possibilitando a concretização do sonho. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire argumenta que essas situações-limites não são barreiras insuperáveis, mas limites onde todas as possibilidades começam. Assim, uma leitura crítica da realidade, que implica um processo de aprendizado para enfrentar as situações-limites e de impossibilidades, revelará e direcionará ações críticas para alcançar o inédito viável. Portanto, em nossa busca por transformar dificuldades em possibilidades e esperar pacientemente impacientes pela superação dos problemas, será necessário nos permitirmos o direito de nos indignarmos diante do que vemos com coragem e esperança para lutar pela mudança necessária. Enquanto esperamos pacientemente impacientes, somos encorajadas pelas palavras de Santo Agostinho quando declara que: “A esperança tem duas lindas filhas; seus nomes são indignação e coragem: indignação pela maneira como as coisas estão e coragem para mudá-las” (BROWN, 1988, p.136).

Para Freire, as artimanhas geradoras de manifestações discriminatórias de raça, de gênero, de classe nunca foram motivos para o enfraquecimento de suas convicções pois, segundo ele, a desumanização emblemática de nossos contextos não é causa de desesperança, mas razão para lutar em esperança. A percepção crítica destas manhas torna-se indispensável para a cultura de resistência.⁴ Segundo ele, uma vez que nossas ações estando direcionadas

⁴ Em suas notas explicativas, Nita Freire esclarece que na compreensão de Freire, manha é uma forma de defesa e resistência que os oprimidos encontram para continuar lutando. Ver, *Pedagogia da Esperança*, p. 225.

para a busca da humanização negada aos seres humanos, podemos forjar um novo paradigma de esperança e assim alcançar transformação. Freire argumenta que alcançar uma compreensão crítica de qualquer situação opressiva não libera os oprimidos imediatamente. O processo exige um movimento contínuo orientado para a transformação da realidade social, sem a qual os velhos padrões de percepção permanecerão inalterados. Essa ação cultural na qual uma pessoa percebe sua situação sociocultural e supera seu estado de alienação permite que as pessoas se reconheçam como seres conscientes e co-criadores e co-criadoras do futuro. Por esse motivo, a conscientização implica um compromisso histórico e consciência histórica explicitando o protagonismo de pessoas que assumem seu papel de sujeitos no mundo.

Ainda que reconhecendo os elementos concretos e as razões visíveis que desencadeiam a desesperança, Freire mantém-se esperançoso porque acredita que a esperança é uma necessidade ontológica e a força propulsora para lutar contra o fatalismo e a paralisação. Ele reconhece que a esperança—mesmo que imprescindível—não é suficiente para ganhar a luta. Enquanto necessidade ontológica, precisa estar ancorada na prática para tornar-se concretude histórica (FREIRE, 1994, p.10). Como ele mesmo afirma, seria ingenuidade pensar que a esperança sozinha seja capaz de transformar o mundo. Tal inocência seria uma forma inevitável de ceder a desesperança e pessimismo. Contudo, ele afirma,

Prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo, como se a luta se pudesse reduzir a atos calculados apenas, a pura cientificidade, é frívola ilusão. Prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um dos seus suportes fundamentais. O essencial, como digo mais no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate, mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica,

se desarvora e se desendereça e se torna desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação da esperança (p. 10-11).

Enquanto o contexto da pandemia continua a se propagar como realidade de futuro incerto, Freire nos convoca a teimosamente lutar contra as impossibilidades de existência com dignidade conduzindo nossas vidas enraizadas na força propulsora que é a esperança. Assim que, na árdua tarefa de nos reinventarmos, precisamos encontrar brechas por onde a vida escapa, se expande, e se refaz. Freire reconhece que nossa tarefa como educadoras críticas—envolvidas na construção de outro mundo possível—não pode ser realizada no isolamento, mas precisa fazer parte de um esforço comunitário na luta pela autonomia, justiça e democracia. Em tempos de isolamento físico caberá a nós, seres imaginativos, usar nossa criatividade para construir novas formas não só de sobrevivência, mas de convivência.

A esperança, potencialmente presente em cada ser humano, quando educada, poderá produzir uma certa convicção de que a superação dessa escassez momentânea será realizável, o que, por sua vez, levará a uma série de ações que contribuirão para a construção de modelos de realidades emancipatórias. Segundo Freire,

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa luta é suicida, é um corpo a corpo puramente vingativo. O que há, porém, de castigo, de pena, de correção, de punição na luta que fazemos movidos pela esperança, pelo fundamento ético-histórico de seu acerto, faz parte da natureza pedagógica do processo político de que a luta é expressão. (1994, p.11),

Diante do caos instalado pelo coronavírus cabe a nós educadores e educadoras, através da análise política e social, “desvelar as possibilidades para a esperança.” Buscar nas frestas, nos suspiros e

sussurros as vezes ofegantes as vezes mais profundos, os motivos que alimentam e nutrem nosso desejo de abrir novos caminhos, ou até mesmo de inventar outros caminhos, “molhados de nossa história”. Pois quanto menos comprometidos com a utopia, tanto mais enfeitados e seduzidos seremos pelo discurso hegemônico. Parte estruturante da cultura da resistência se dá no incorporar, absorver, inspirar uma certa manha—como dizia Freire—pela qual seja possível compreender os mecanismos de opressão para sua superação. Embora estejamos carregando em nossos corpos as marcas de “sonhos rasgados,” também precisamos alimentar o desejo de desatar as tramas com as quais fomos enredados e das quais queremos nos libertar. (1994, p.12-13). Talvez, como nos lembra Krenak, já cáimos outras vezes, por isso o que precisamos seja “não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos” (KRENAK, 2019, p. 49).

De fato, falar de esperança quando combatemos um inimigo invisível só é possível se acreditarmos, como Freire, que algo sem precedentes possa acontecer, algo que, aos olhos de atores sociais menos persistentes e menos astutos, pode parecer uma utopia romântica. No entanto, na *Pedagogia do Oprimido*, ele sinaliza que a adoção de formas apropriadas de ação e reflexão tem o potencial de romper uma situação-limite, transpondo barreiras que limitam as pessoas de *serem mais*. Ao longo de sua práxis, é possível identificar uma defesa constante da convicção de que se é possível lutar coletivamente, é também possível vencer coletivamente. Sendo assim, sua opção tem uma natureza ideológica, apostando na validade do conceito de “inédito viável”. Nita Freire explica que para Freire, o inédito viável é

algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica de Freire ou, evidentemente, porque não necessariamente só pela dele, por outra que pretenda os mesmos fins. O “inédito viável” é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, es-

ses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (FREIRE, 1994, p. 206-207).

Um tempo de distanciamento, de intervalo, de rachadura, de ruptura é tempo para fazer as soldaduras de acontecimentos que foram desconectados da nossa experiência como artimanha de alienação e manipulação. Para esse exercício de soldadura se faz necessário o que Freire chama a leitura crítica da realidade, ainda que para tal tenhamos que fazer a arqueologia de nossa dor. (1994, 31). Ainda que seja dolorido perceber e entender as causas e efeitos do sofrimento humano, principalmente daqueles e daquelas que foram sistemicamente vulnerabilizados, será necessário inventariarmos essa dor para evitar a banalização do mal como articulou Hannah Arendt. Só assim poderemos enfrentar os desafios do agora de maneira presente e consciente: por meio de inventários, arquivos e arqueologias de nossas dores. Durante esses tempos sombrios e doloridos, sabemos que se não fizermos nenhum esforço para continuar “vendo” a luz, nossa visão poderá se tornar fraca e atrofiada. Portanto, é necessário continuar ajustando os olhos para enxergarmos que a luz ainda está brilhando, mesmo que de uma maneira muito tênue. Como articula Arendt,

Mesmo nos tempos mais sombrios, temos o direito de esperar algum raio de luz, e essa claridade pode vir menos de teorias e conceitos do que da luz incerta, oscilante e fraca que alguns homens e mulheres, em suas vidas e obras, acenderão sob quase todas as circunstâncias e espalharão ao longo do tempo que lhes foi dado na terra. (ARENDT, 1968, p. ix)

Para muitas, a realidade pré-pandemia já era formada por um mundo das sem-terra, das sem-casa, das sem-escola, das sem-comida, das sem-emprego, das sem-saúde, das sem-privilegio branco. Desde a perspectiva esperançosa de Paulo Freire, o mundo pós-pandemia poderá ser um mundo reorganizado, reestruturado sob outras fundações, pautado por outras relações de poder ou, como diz Boaventura de Souza Santos, ajustados por outras alternativas de sociabilidade que neutralizem ou previnam os riscos de maneira

que a nova realidade possa ser viabilizada diferentemente para a maioria que foi sistemicamente esquecida e oprimida. (SANTOS, 2002, p. 42-47), Contudo, para que este giro epistemológico possa acontecer precisamos educar nossa luta, nossa resistência redirecionando nossa tarefa educativa. Essa prática educativa não pode ser aquela que despreza os sujeitos e impõe sobre eles um saber eurocêntrico. Precisa ser formulada a partir de epistemologias emergentes do Sul Global— sendo Freire um dos seus mais importantes protagonistas — a partir de seus múltiplos olhares, diferentes sotaques, novas abordagens e novas expressões linguísticas.

Epistemologias que apostam no compromisso político de educadores, educadoras e estudantes que, conscientes de seu lugar no mundo, podem mobilizar, resistir e denunciar as injustiças e abusos daqueles que tentam colonizá-los e roubar seus direitos de “ser mais”. As epistemologias do Sul, como Freire, nos desafiam a resgatar e fortalecer os aspectos libertadores, amorosos e éticos da educação. Inspiradas por essas epistemologias emergentes, as pessoas são convidadas a criar um mundo menos bárbaro, menos predatório e menos injusto, onde, em vez de abismos que acentuam distâncias, novos horizontes estão abertos a outras formas alternativas de convivência. Essas epistemologias deverão resgatar saberes autóctones, ancestrais e solidários. Deverá abrir espaços para o reconhecimento mútuo de saberes que conecta o corpo, mente e coração. Saber que converge, agrega, que soma, democratiza, socializa e partilha. Saber das esquinas do sul do planeta, que a partir de sua leitura crítica de mundo reconhece-se a si e a outros saberes como significativos e complementários sem essencializá-los ou apropriá-los. Um saber que reconhece que somos parte de algo maior que nos a-colhe e nos a-briga (do latim *apricari*, ficar aquecido com o sol) e de onde nem corpos nem saberes são interditados, sequestrados ou corrompidos.

Sonhar, para Freire, não é fugir do mundo, mas é trazer à realidade o bem que se deseja para si e para os outros e outras—um mundo sonhado coletivamente. Ainda que estejamos experimen-

tando um “cansaço existencial” (FREIRE, 1994, 138) provocado pelo COVID-19 e todas as sensações de carência—do afeto e carinho, da presença física de gente amiga e de familiares, do acolhimento e amparo que o abraço e o toque oferecem—que minam nossas forças e resistência, essa conjuntura precisa ser enfrentada através de novas alianças, novas descobertas, de outras “*communitas*” (TURNER, 1974). Neste tempo liminar precisamos descobrir qual “*inédito viável*” podemos construir juntos e juntas. Diante da tendência ao *en-colhimento* das ações solidárias, da ética e da própria humanidade fragilizada em tempos de pandemia, precisamos *re-colher* as sementes da esperança e lançá-las no terreno árido do mundo pós-pandemia, amparando e cuidando para que elas cresçam e girem com sóis coletivos. Precisamos *re-colher* a esperança e a utopia e *es-colher* o que pode fundamentar e inspirar práticas pedagógicas para um outro mundo possível.

Referências

- ARENDT, Hannah. **Men in Dark Times**. New York: Harcourt Brace, 1968.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BROWN, Robert M. **Spirituality and Liberation: Overcoming the Great Fallacy**, Philadelphia: Westminster, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 11ª. edição. 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra; 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação – Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 3. ed.. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2014.
- GIROUX, Henry. **Education and the Public Assault on Teachers, Students, and Public Education**. New York: Peter Lang, 2015.

JUNKER, Débora B. Agra. **Liminal Pedagogy: Challenging Boundaries – Freire, Vygotsky, and Feminist insights in dialogue with Christian Education.** Doctoral Dissertation, 2003. Unpublished.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Editora Schwarcz, 2019.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual. Estrutura e anti-estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1974.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Reinventar a Democracia. **Cadernos Democráticos.** Lisboa: Gradiva Publicações, 2002.